

## RESENHA

A COR DA ROMÃ (ԷԼԵԹ ԴՐԱԿԱԾԱ), ARMÊNIA, URSS,  
1968), DIREÇÃO DE SERGUEI PARADJANOV.

REVIEW: A COR DA ROMÃ (THE COLOR OF THE  
POMEGRANATE) (ԷԼԵԹ ԴՐԱԿԱԾԱ), ARMÊNIA, URSS,  
1968), DIREÇÃO DE SERGUEI  
PARADJANOV (BY SERGUEI PARADJANOV)

*Svetlana Ruseishvili\**

“A cor da romã”, filme considerado pelos críticos a obra-prima de Serguei Paradjanov, relata a vida e a morte do grande poeta armênio Sayat-Nova, que viveu no século 18, com base na interpretação da sua obra.

Não se sabe muito da vida do poeta, que nasceu em capital da Geórgia, Tbilissi, entre 1712 e 1722, e que ficou conhecido pelo nome que ele mesmo se deu, Sayat-Nova, que pode ser traduzido como “O Rei da canção”. Sabe-se, porém, que seu talento pela música se manifestou logo na infância, quando já tocava diversos instrumentos orientais e criava poemas para acompanhar sua música.

Na juventude, Sayat-Nova interessou-se pela arte dos *ashug*, trovadores livres na tradição caucasiana, queridos pelo povo por relatar, por meio da poesia, as dificuldades e injustiças da vida humilde e a sabedoria popular. O poeta, pelo seu grande talento de manipular palavras, foi reconhecido como o melhor *ashug* da região e por meio dessa fama conseguiu uma posição privilegiada no corte do príncipe georgiano Heráclio II. Nesses anos, o poeta criou suas melhores líricas amorosas, que lhe renderam a imortalidade através dos séculos. Suas líricas continuam sendo cantadas pelos povos caucasianos até os dias atuais.

Ninguém sabe verdadeiramente quem foi a musa – e grande amor – do poeta. No entanto, sabe-se que foi por causa dessa musa misteriosa que ele foi expulso da corte do príncipe, que o obrigou a virar monge em um mosteiro armênio da região, onde o poeta morreu alguns anos mais tarde.

Por que Serguei Paradjanov, dois séculos depois, quis relatar a vida e a criação desse grande poeta caucasiano? Pela perpetuação de sua lírica na

---

\* E-mail: s.ruseishvili@gmail.com, Douranda FFLCH.

memória popular dos povos caucasianos? Por sua identificação com o grande poeta, que, apesar de ser considerado armênio pela origem dos pais, passou a vida inteira na Geórgia e escreveu a maioria da sua obra em azerbaijano? Ou, talvez, por ter sofrido a desgraça das autoridades e o sofrimento do exílio?

Serguei Paradjanov, como Sayat-Nova, nasceu em Tbilissi, em uma família armênia. O cineasta terminou curso universitário de direção no Instituto de Cinematografia em Moscou e trabalhou num grande estúdio cinematográfico soviético em Kiev, na Ucrânia. Como ressaltado – *ironicamente* – pelos pesquisadores da sua obra, enfatizando as perseguições que o cineasta sofreu durante sua vida por sua oposição ao governo soviético, ele foi um armênio, nascido na Geórgia, e condenado à prisão russa pelo nacionalismo ucraniano.

A transculturalidade do cineasta soviético revela-se no conjunto de sua obra cinematográfica: em 1965 ele dirigiu um filme inspirado na obra do escritor ucraniano Mikhail Kotsubinsky, pelo qual foi perseguido como nacionalista ucraniano e foi obrigado a fugir para a República Armênia para evitar sua prisão; em 1968, ele fez o agora analisado “A cor da romã”; em 1984 – o filme “Lenda sobre a Fortaleza do Suram”, com base em lendas populares georgianas. Em 1973, depois de voltar para a Ucrânia, o cineasta foi condenado a cinco anos de prisão por homossexualidade (que nunca foi confirmada pelos amigos ou pelo próprio cineasta), tendo sido solto em 1977, graças a uma carta de protesto internacional assinada por grandes nomes de cinema mundial, como François Truffaut, Jean-Luc Godard, Federico Fellini, Luchino Visconti etc. Assim, Paradjanov foi proibido de morar na Ucrânia e voltou a Tbilissi, onde sua casa virou o principal lugar de encontro para os intelectuais e artistas antissoviéticos.

A obra do Paradjanov foi inovadora pela estética e pela atenção à poesia peculiar das culturas populares das diferentes regiões da União Soviética. Essa abordagem só podia ser compreendida como nacionalista pelo Ministério de Cultura da União Soviética que enxergava as culturas locais apenas como elementos de construção de uma cultura comunista comum e padronizada para todos os povos do país. O talento de Paradjanov de penetrar as profundezas culturais de diferentes povos, adotando suas estruturas simbólicas e estéticas para produzir seus filmes tão únicos, nunca poderia ser entendido e aceito no âmbito do plano de uniformização cultural do governo soviético. “A cor da romã” nesse sentido, era uma ameaça aos princípios do realismo soviético adotado desde os anos 1930 e, assim, era um gesto de grande coragem e inconformismo artístico do cineasta. Infelizmente, o filme não escapou da repressão: ele foi cortado e modificado de tal maneira que ficou quase totalmente incompreensível. Pesquisadores da obra de Paradjanov conseguiram resgatar algumas das partes cortadas, mas o filme nunca voltou a sua versão original.

“Eu sou homem, cuja vida e alma são sofrimento”, com essa frase Paradjanov começa seu filme. Ele submerge o espectador em um universo da cultura cheia de cor, sabor e simbolismo por meio das imagens do livro com textos de Sayat-Nova, do pé esmagando a uva, das letras únicas e tão estéticas do alfabeto armênio, do pão em forma de barco... A imagem repetida do livro aberto faz pensar não só em poesia, mas na forma como o diretor escolheu para apresentar suas ideias ao espectador. “A cor da romã” não é exatamente um filme, mas, sim, um quadro, uma música que pode ser vista com os olhos ou um livro que ganhou vida por um instante. A referência ao livro é vista também na maneira como o diretor escolheu nomear as partes de seu trabalho. O filme é composto por oito capítulos, que marcam os principais momentos da vida do *ashug* Sayat-Nova, da infância até a morte no mosteiro. São esses grandes eixos da vida do poeta, indicados nos nomes dos capítulos, que guiam a percepção do espectador pelo universo do filme, que é um retrato impressionista da vida de Sayat-Nova e de sua obra poética.

“A cor da romã” não apresenta diálogos. As palavras ditas são substituídas pelas citações das poesias do Sayat-Nova e pela bela música armênia. O filme não tem papéis definidos. Consegue-se, unicamente, adivinhar que o menino de rosto fino e pálido é o poeta na infância, que a moça de uma beleza fria e misteriosa é o amor do jovem poeta e que esse monge de rosto sereno e sábio é o poeta adulto, que tenta a se esconder das tentações do mundo. Sem ser concreto e estruturado, o filme é repleto de símbolos e referências ao mundo que Sayat-Nova viveu e que ainda permanece na cultura popular caucasiana. O filme expressa a poesia da vida do povo por meio da plástica dos atores, cores dos figurinos e dos cenários.

Paradjanov começa a contar a vida do poeta por sua infância, que Sayat-Nova passou na escola do mosteiro. O capítulo começa com imagens da tempestade no mosteiro. Os pais do poeta o escondem embaixo de mantas, tentando protegê-lo dos males que estão por vir. Depois de conhecer a vida espiritual por meio da convivência com os monges, o menino, que vai ainda virar um grande poeta, descobre a verdade do corpo humano, quando espia as mulheres tomando banho. O corpo branco e frágil feminino entre a riqueza das decorações das saunas reais, a água com sabão, escorrendo pelos seios comparados com conchas do mar: essas cenas cheias de simbolismo foram censuradas e cortadas do filme. O capítulo acaba quando o menino vira um jovem homem com rosto pálido e fino e com uma mandolina na mão.

O jovem poeta é convidado ao Palácio do Príncipe, onde ele encontra a bela e misteriosa princesa. Nesse capítulo observa-se o nascimento de um grande amor entre a princesa e o poeta-plebeu, o amor condenado e trágico que, ao mesmo tempo, deu origem a genialidade da lírica do poeta: “As palavras são impotentes frente a você! Como descrever seu rosto escarlate?” É interessante que nessas cenas a princesa e o poeta são interpretados pela mesma atriz, Sofiko Tchiauxeli, grande atriz georgiana, que interpretou nesse

filme cinco papéis no total. Impressiona como a atriz conseguiu, apenas pela plástica de seus movimentos, transmitir o ideal da beleza caucasiana: olhar reto e misterioso, os grandes olhos pretos, as sobrancelhas arcadas, a pele branca e pálida, os movimentos suaves, tudo isso em combinação com a roupa típica da realeza oriental, dá a imagem da beleza perfeita, valorizada até hoje na Geórgia.

O terceiro capítulo mostra a vida do poeta no corte real. Paradjanov introduz um novo símbolo, a bola dourada, que representa a folia e a vaidade da vida da corte. Nesse mundo o poeta se sente inútil e segue a princesa, única que valoriza sua presença. Na cena cortada pela censura, Paradjanov mostra a paixão condenada dos amantes secretos num templo abandonado, e é nesse momento que do jovem poeta nasce um monge.

O capítulo seguinte, “O poeta no mosteiro”, começa com a reencarnação do poeta ao monge, através da troca das roupas vermelhas, que simbolizam o mundo, pelas roupas pretas da vida espiritual. Nesse momento Sayat-Nova se despede de sua mandolina. O que no mundo é uma grande festa ou uma grande tristeza, no mosteiro é simplesmente rotina: o novo monge se integra na fraternidade realizando batismos, casamentos, funerais. O rosto do poeta-monge é sereno e pensativo, porém as imagens do passado continuam perturbando seus sonhos. Neles, o poeta volta a sua infância e, muitas vezes, vê a bola dourada, lembrando o tempo no mundo de vaidade e da alegria. A bela cena de um sonho-tentação, feita de uma maneira muito criativa, do ponto de vista técnico, usando o negativo e a distorção da cor, também foi censurada pelo governo soviético.

No capítulo da velhice do poeta, Paradjanov mostra o festejo da Pascoa no mosteiro, onde os peregrinos sacrificam os bodes para a ceia santa. O diretor capta de uma maneira muito sutil, quase etnológica, a combinação dos ritos pagãos e cristãos na cultura caucasiana, que permanece até hoje. Nessa grande festa religiosa, Sayat-Nova descobre que um novo *ashug* apareceu na cidade, e a fama dele está superando a fama do grande “Rei da canção”. O poeta, então, resolve ir à cidade para disputar o seu talento com o jovem *ashug*, ele resgata sua mandolina, mas, pelo caminho, decepciona-se com o mundo, que perdeu a espiritualidade, volta ao mosteiro e abandona seu instrumento, dessa vez para sempre. A censura, que cortou grande parte do capítulo, dificulta a compreensão dessa parte do filme pelo espectador.

No último capítulo, que relata a morte do poeta, a linguagem do diretor se enche de simbolismos. O poeta velho ajuda na reconstrução da catedral depois da invasão dos muçulmanos. Ele fica no chão quando outro monge instala uns jarros nas paredes da igreja. Ele grita para o poeta: “Canta!” e o poeta canta, ouvindo um coro de eco saindo das paredes do catedral. O monge pede para ele de novo: “Canta!” e depois: “Morre!”. Assim, o poeta deita no chão de granito e morre, tornando-se uma parte da eterna catedral. Depois da morte do poeta, vê-se sua musa, de rico vestido verde,

que simboliza a eternidade da obra do poeta, e as palavras do diretor: “O poeta morre, mas sua musa é eterna”.

O filme acaba. Filme censurado e cortado pelo governo soviético, filme que se tornou, por isso, quase incompreensível. Mas nunca se esgotam as maneiras de ver, de ler e de sentir essa grande obra poética feita por meio do cinema. “A cor da romã” abre para nós o mundo misterioso do Cáucaso, de sua cultura e estética antiga e única, de seu jeito de ver a beleza e valorizar o lado espiritual da vida. A obra do Paradjanov perdeu partes materiais pela censura, mas não diminuiu a sua genialidade técnica e simbólica, nem o lugar eterno que esse filme ocupa na história de cinema mundial.

